

## **M'HA QUEDAT A LA MEMÒRIA: A SOCIETAT CATALANA DE GEOGRAFIA NOS AÇORES**

**João Carlos Garcia<sup>1</sup>**

A Societat Catalana de Geografia (SCG), fundada em 1935 no quadro do Institut d'Estudis Catalans, é uma das mais prestigiadas instituições geográficas ibéricas, com um notável *curriculum* de actividades (entre reuniões científicas, ciclos de conferências, exposições, saídas de campo) e de publicações, com perto de três dezenas de monografias e, particularmente, com a revista *Treballs de la Societat Catalana de Geografia*, que desde 1984 difundiu 65 volumes (<http://scg.iec.cat>).

Na sequência de viagens à Jordânia (2001), Sicília (2003), Grécia (2004), Síria (2005), Líbia (2006), Anatólia (2007) e Sul de Marrocos (2008), SCG realizou, entre 4 e 12 de Abril de 2009, a sua tradicional excursão anual de Páscoa, à Região Autónoma dos Açores. O Professor Doutor Francesc Nadal i Piqué, presidente da instituição e catedrático do Departamento de Geografia Humana da Universidade de Barcelona, coordenou um grupo de 31 elementos, entre geógrafos e não geógrafos, que percorreram cinco das nove ilhas do arquipélago: São Miguel, Faial, São Jorge, Pico e Terceira.

Aqui ficam os seus nomes: Alba Badia, Ana Maria Casassas Ymbert, Antoni Francesc Tulla Pujol, Dolors Iduarte Despuig, Eulàlia Guilera Roura, Glòria Romani Alfonso, Jaume Torras Elias, Joaquim Puigvert Solà, Jordi Ramoneda Civil, José Luis Urteaga González, Juan Manuel García Ferrer, Lluís Ruidor Gorgas, Magdalena Badias Morros, Margarita Fuella Illa, Maria Dolores García Ramón, Maria Luz Messeguer Michavila, Maria Rogelia Espinosa Saenz, Maria Rosa Blanch Ros, Maria Roser Noguera Corrons, María Teresa Vicente Mosquete, Mercè Rueda Chimenó, Mercè Noguera Corrons, Montserrat Quintana Coll, Núria Viver Bari, Rafael Giménez i Capdevila, Roser Llistosella Felip, Teodoro Gómez Cordero, Teresa Martí Timonedá, Teresa Muñoz Sallarés.

Por convite do Prof. Francesc Nadal a organização científica da visita esteve a cargo de João Carlos Garcia, do Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, com o apoio de vários antigos alunos do mesmo Departamento, de origem açoriana, que vivem e trabalham na Região Autónoma. A organização logística pertenceu a Pere Andreu i Aliu, membro da SCG e funcionário da ARAC – Cultural Travel Association, operador turístico que habitualmente apoia iniciativas da instituição.

Atendendo às diferentes formações e interesses dos visitantes, foi preparado nos meses anteriores, em Ponta Delgada, Horta e Angra do Heroísmo, junto de diversas instituições regionais e locais, um programa geográfico, abarcando as características

---

<sup>1</sup> Professor Associado do Departamento de Geografia, FLUP – [jgarcia@letras.up.pt](mailto:jgarcia@letras.up.pt)

físicas, históricas e culturais dos Açores, bem como um caderno de documentos cartográficos, iconográficos e textuais, com bibliografia portuguesa e estrangeira sobre a região, em colaboração com Pere Andreu, e distribuído aos visitantes.

Na imprensa regional e local foram várias as notícias sobre a visita dos geógrafos catalães, como *O Açoriano Oriental*, de Ponta Delgada (4.4.2009), *O Portal da Ilha* (30.4.2009) e o *Seana Verde* (23.5.2009), da Povoação. Mas, o cronista da viagem foi Rafael Giménez i Capdevila, sócio da SCG, através do texto intitulado “Del Viatge a les Açores”, disponível em: <http://scg.iec.cat/Scg90/S96851.htm>.

O primeiro encontro com os membros da SCG aconteceu no Aeroporto da Portela, em Lisboa, no dia 4 de Abril, em trânsito demorado entre Barcelona e Ponta Delgada, onde a chegada tardia e as mudanças de fuso horário apenas permitiram o alojamento.

O trabalho iniciou-se no dia seguinte com uma reunião de boas vindas, apresentação do programa e análise de cartografia de base a diversas escalas. Foi dada uma perspectiva geral sobre as principais características geográficas da região (posição no Atlântico norte, formação vulcânica das ilhas, ciclos económicos, aspectos demográficos e sociais, etc), e dados a conhecer alguns dos mais relevantes problemas do território ao longo da História (catástrofes naturais, colonização e emigração, localização geo-estratégica, dependência económica, etc).

Na manhã do dia 5 deu-se início ao reconhecimento da parte central da ilha de São Miguel. Foram visitadas a Lagoa do Fogo e a Lagoa Velha, com os seus banhos quentes, com numerosas paragens nos miradouros a pedido dos fotógrafos, e a freguesia das Furnas e os seus fenómenos de vulcanismo activo, terminando a primeira etapa num dos restaurantes típicos da vila, com um almoço de “cozido” preparado junto às fumarolas. O regresso a Ponta Delgada, por Vila Franca do Campo, contou com um inesperado encontro com um grupo de “romeiros” de Rabo de Peixe, em plena peregrinação pelas freguesias de São Miguel. A tarde terminou com a visita a pé ao centro histórico de Ponta Delgada, orientada pela historiadora da Universidade dos Açores, Prof.<sup>a</sup> Doutora Fátima Sequeira Dias, que falou da génese, evolução e estrutura da cidade, bem como da organização dos sectores secundário e terciário urbanos.

O dia 6 foi dedicado à parte oriental de São Miguel, em particular ao concelho da Povoação. Uma vez que a saída do autocarro se fez do Campo de São Francisco e a porta do Convento da Esperança se encontrava aberta foi possível uma breve visita à Basílica do Senhor Santo Cristo dos Milagres, lugar de peregrinação de todos os açorianos, especialmente, dos emigrantes residentes no Canadá e nos Estados Unidos da América.

Na costa norte foi feita uma primeira paragem nas plantações de chá de Vale Formoso, com uma detalhada explicação sobre a história da fábrica e o processo de produção. O chá servido em Vale Formoso preparou os excursionistas para a etapa seguinte: a descoberta do concelho da Povoação através de uma cuidada organização do geógrafo Dr. João Pedro Resendes, antigo aluno do Curso de Geografia da FLUP, Mestre em Vulcanologia e Riscos Geológicos pelo Departamento de Geociências da

Universidade dos Açores e técnico superior da Câmara Municipal da Povoação, tendo a seu cargo grande parte da coordenação da protecção civil do concelho.

A SCG foi recebida nos Paços do Concelho pelo presidente da edilidade, o Dr. Francisco Álvares, partindo depois para o Faial da Terra, onde a aguardava uma recepção de boas vindas da respectiva Junta de Freguesia, presidida pelo Senhor Mário Jorge Resendes. Seguiu-se na Casa do Povo um colóquio de Geografia, em torno do tema “Riscos e Protecção Civil”, sendo apresentadas duas palestras, uma intitulada “A Protecção Civil no Concelho da Povoação: experiencia municipal em caso de catástrofe”, pelo Dr. João Pedro Resendes e outra “Avaliação da susceptibilidade a movimentos de vertente no Concelho da Povoação, com recurso a um modelo hidrológico e geotécnico: os casos de estudo de 2002 e 2005” pelo Dr. Paulo Pimentel Amaral, do Centro de Vulcanologia e Avaliação de Riscos Geológicos da Universidade dos Açores. A terminar, o Prof. Francesc Nadal falou sobre a história, a constituição e as actividades da Societat Catalana de Geografia.

Após o almoço típico num restaurante local e visita ao núcleo antigo, o grupo partiu com alguma dificuldade, para o extremo mais oriental da ilha, de marcantes paisagens de arribas, com paragens nos diversos miradouros, entre eles o da Ponta da Madrugada (Foto 1).



Foto 1 - Os membros da Societat Catalana de Geografia, em São Miguel

Já no regresso a Ponta Delgada, aquando do percurso pelo núcleo histórico da vila do Nordeste, na Igreja de São Jorge, ocorreu mais um interessante momento etnográfico, com a chegada de um grupo de romeiros, que em coro cantaram as suas orações.

A jornada do dia 7 iniciou-se com a viagem aérea entre São Miguel e o Pico, já que atendendo à época festiva fora impossível encontrar lugares disponíveis nos voos directos para o Faial. Daí que, do aeroporto do Pico, o grupo foi transportado de imediato ao cais da vila da Madalena, para em barco passar o canal e alojar-se na Horta, ao final da manhã. Na cidade era aguardado pelo Dr. Mário da Silva Leal, antigo aluno do Departamento de Geografia da FLUP, então professor na Escola Secundária de Manuel de Arriaga (Horta) e, actualmente, Inspector Superior Estagiário do quadro regional da ilha do Faial, afecto à Inspeção Regional do Ambiente, que preparou grande parte do programa relativo às ilhas do Grupo Central.

Atendendo ao pouco tempo disponível para conhecer a ilha, ainda durante a manhã, e depois de comentada a estrutura da cidade da Horta do miradouro da Espalamarca, foi percorrida a parte oriental do Faial, por Pedro Miguel, Ribeirinha e Cedros, onde são visíveis em muitas construções os vestígios do último grande sismo, ocorrido em Julho de 1998. Ao almoço na Praia do Norte, seguiu-se a visita ao Centro Interpretativo do Vulcão dos Capelinhos, organizada pela guia, Dr.ª Sandra Goulart, antiga aluna do Curso de Geografia da FLUP. Neste novo e exemplar centro museológico e de divulgação dos fenómenos vulcânicos dos Açores puderam também os membros da SCG informar-se do ocorrido ao longo dos séculos na ilha do Faial e, em particular, sobre a grande erupção dos Capelinhos (1957), em cujo estudo participou o geógrafo Orlando Ribeiro.

O regresso à Horta fez-se pelo litoral ocidental da ilha. O final da tarde incluiu um percurso a pé pelo núcleo histórico, discutindo-se as etapas de evolução e a estrutura urbana, a organização do sector terciário na cidade e a repartição dos monumentos históricos. Entre estes conta-se a igreja de Nossa Senhora das Angústias existente no local de uma antiga capela onde no século XV casou Martin Behaim, o famoso autor do Globo de Nuremberga, com Isabel de Macedo, filha do 1º Capitão Donatário do Faial, Josse de Hurtere. Uma emoção mais para os estudiosos da História da Cartografia.

A terminar a noite decorreu um reconfortante jantar no famoso Peter's Bar e, enquanto a maioria recuperava das aventuras do dia graças ao não menos famoso *gin-tonic* local, a organização científica e logística negociava o transporte marítimo para o dia seguinte, contrariando todos os conselhos de bom senso, que a agência de viagens repetidamente transmitia. As previsões de tempo não eram as melhores mas guardar-se-ia a manhã seguinte para se tomarem decisões entre todos.

E assim foi. Na manhã do dia 8, apenas com duas baixas no pelotão que rumaram directamente à Madalena do Pico no ferry do Canal, os corajosos membros da SCG enfrentaram as ondas do Atlântico em direcção à Ilha de São Jorge, envolta em bruma. Embora a viagem no pequeno barco não tenha sido fácil para muitos, a visão do mar picado, das três ilhas e a esperança de encontrar baleias e golfinhos diluíram algum receio acumulado. A entrada nas Velas, com um grande painel de azulejos figurando o mapa de São Jorge e um segundo pequeno almoço, foi triunfal.

Ainda no meio do nevoeiro partimos para a freguesia da Beira, onde na fábrica “Uniqueijo” nos esperavam para uma visita guiada ao circuito de produção. As fotografias do grupo, equipado como se se tratasse de uma sala de intervenções cirúrgicas, ficarão como um dos momentos mais divertidos de toda a excursão (Foto 2).



Foto 2 - Visita à Uniqueijo – União de Cooperativas Agrícolas de Lacticínios de São Jorge (Beira, Velas, Ilha de São Jorge)

Observados, degustados, comparados e comprados os “queijos da ilha” partimos para os miradouros do litoral norte a identificar e admirar as grandes arribas e as principais fajãs: do Ouvidor, dos Cubres e do Santo Cristo, com a sua caldeira.

Na parte da tarde, depois do percurso no centro histórico da Calheta, com a sua Casa de Teatro da Sociedade Club Estímulo e o pequeno porto, o grupo partiu para a Ribeira Seca, berço do maestro e compositor Francisco de Lacerda, nome maior da música clássica portuguesa do século XX. Na Fajã dos Vimes, célebre pela cultura de inhame, bebeu-se o excelente café autóctone produzido pela Família Nunes, que com gosto mostrou a plantação exótica que só um micro-clima particular pode explicar. No regresso às Velas, uma paragem obrigatória na Urzelina, para recordar a erupção vulcânica que destruiu a povoação em 1808. A torre da igreja subterrada é bem o testemunho da dimensão da catástrofe. No final da tarde, a travessia Velas – São Roque do Pico também não foi fácil, particularmente a acostagem, com passageiros e malas içados no molhe, mas o repouso na Madalena recompensou os argonautas.

A manhã do dia 9 foi marcada pela visita ao Museu do Vinho, um dos pólos do Museu do Pico, em Toledos, freguesia da Madalena. Graças ao reconhecimento da “Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico” como Património da Humanidade é possível observar e compreender toda a dimensão dessa actividade agrícola que representou um dos factores económicos mais importantes do Pico. Os membros da SCG tiveram aqui outro dos pontos altos da excursão pela aula teórico-prática de Geografia da Vinha e do Vinho que o Prof. Nadal ministrou, como grande especialista internacional do tema. No jardim do Museu foi feita a “fotografia de família”, com todo o grupo sob um enorme e velho dragoeiro (Foto 3).



Foto 3 - O grupo da Societat Catalana de Geografia durante a visita ao Museu do Vinho (Toledos, Madalena, Ilha do Pico)

A viagem continuou pelo litoral norte, ao longo das notáveis “praias” de lava solidificada e pequenos núcleos populacionais de casas negras, por Porto Cachorro e Lajido, até São Roque, já nosso conhecido, onde foi visitado o segundo pólo do Museu do Pico, o Museu da Indústria Baleeira, que recorda outras das mais representativas actividades económicas históricas do arquipélago. A travessia da ilha em direcção ao litoral sul fez-se entre a Reserva Florestal Parcial do Mistério da Prainha e a Zona de Protecção Especial da Zona Central do Pico, dando a conhecer não só uma paisagem de geomorfologia vulcânica, como uma área única de cobertura vegetal autóctone. A visão da montanha do Pico envolta nos seus colares de nuvens foi motivo para várias paragens e muitas fotografias.

Depois de mais um almoço de cozinha regional em São João, decorreu a visita ao núcleo histórico de Lages do Pico e ao terceiro pólo do Museu do Pico, o Museu dos Beleeeiros, dedicado á epopeia desses agricultores-pescadores açorianos que ao longo de muitas décadas enfrentaram o oceano e os gigantescos cetáceos. No regresso à Madalena, tendo o autocarro chegado ao início do trilho que sobe ao cone vulcânico central, os mais corajosos exploradores arriscaram avançar umas centenas de metros para as fotografias, na vertente de forte declive, onde um vento frio e cortante soprava com intensidade. Mas, o nosso geógrafo-guia guardava a última surpresa para o pôr-do-sol: a paisagem da vinha do Pico, na Criação Velha, como uma enorme citânia, a perder de vista, com “casas” e “ruas” apertadas e de pedra escura. Na Madalena esperava-nos mais um jantar especial com música e danças tradicionais açorianas.

O dia 10 iniciou-se com o transporte dos excursionistas para a Ilha Terceira, onde eram aguardados por um autocarro e um guia turístico local. Os interesses dos geógrafos e os dos guias turísticos nem sempre coincidem, daí ter sido necessária

alguma diplomacia para encontrar uma plataforma de entendimento entre os programas preparados por uns e outros. A extensa superfície aplanada, o “Celeiro da Ilha” durante o ciclo económico do cereal e hoje em parte ocupada pelo aeroporto internacional das Lajes, foi observada desde a Serra do Cume. Daí se rumou à vila de São Sebastião para visitar a sua histórica igreja com magníficos frescos quinhentistas (em fase de limpeza e conservação) e um dos mais célebres “Impérios do Divino Espírito Santo” nos Açores.

Um dos momentos importantes da jornada foi a recepção na Câmara Municipal da Praia da Vitória, onde o Chefe de Gabinete da Presidência, o Dr. Osório Meneses da Silva, saudou os visitantes e ofereceu uma colecção de interessantes estampas sobre a famosa batalha naval travada na baía da Praia, entre Liberais e Absolutistas, em Agosto de 1829. Seguiu-se o itinerário pelo centro histórico da cidade, preparado pelo Dr. Hélio Meneses da Silva, antigo aluno do Departamento de Geografia da FLUP e actualmente professor na Escola Básica Integrada da Maia (São Miguel). As paragens na Igreja Matriz e na “Casa das Tias” de Vitorino Nemésio, hoje biblioteca e centro cultural, deram azo a novas “fotografias de família”.

O percurso em direcção a Angra fez-se junto ao litoral, pelas anteriormente fortificadas baías das Mós e da Salga, para recordar o apoio açoriano à causa de D. António, Prior do Crato, e a heróica resistência dos terceirenses à ocupação filipina, do Marquês de Santa Cruz, em 1583. Sobre a navegação e comércio mas também sobre a pirataria e o corso nos mares dos Açores voltar-se-ia a falar.

À saída de mais um almoço típico, no centro histórico de Angra, uma inesperada surpresa: a visita à plantação de bananeiras do Senhor João Amaro Cunha Neves numa soalheira vertente escondida atrás dos palacetes setecentistas da Rua de São Pedro. Muitas foram as perguntas a que o proprietário teve de responder sobre as espécies cultivadas, as técnicas agrícolas, as condições climáticas, etc, neste improvisado inquérito de Geografia rural/urbana.

Durante a tarde o grupo rumou ao interior da ilha, a visitar o Monumento Natural Regional do Algar do Carvão, na Caldeira de Guilherme Moniz. A descida à grande “gruta”, com o seu lago subterrâneo, fez-se com todo o tempo necessário para apreciar condignamente mais este testemunho do vulcanismo açoriano.

A segunda leitura sobre o complexo urbano de Angra do Heroísmo foi feita a partir do Monte Brasil, com a sua área de Paisagem Protegida. Cruzadas as fortes muralhas da Fortaleza de São João Batista e recordado o papel dos arquitectos e engenheiros militares espanhóis na sua construção, durante o período de união das Coroas Ibéricas, foram analisados o sítio e a posição da cidade, e a sua evolução e estrutura a partir dos mapas topográficos e plantas, e da observação. À noite, sendo Sexta Feira Santa, o grupo foi surpreendido por mais uma manifestação das tradições religiosas de Angra, a Procissão do Enterro de Cristo, em que participavam as instituições civis, militares e religiosas da ilha, e muita população.

A liberdade apenas foi concedida aos excursionistas na manhã de Sábado, dia 11. Uns optaram pela visita ao mercado, outros pelos monumentos, outros ainda pelas compras para família e amigos. A convocatória para o Obelisco da Memória, que recorda D. Pedro IV e o Movimento Liberal, no início da tarde, prendia-se com o último itinerário e o último guia: o centro histórico de Angra e o Dr. Francisco Maduro Dias, do Museu de Angra do Heroísmo. A este historiador, ligado ao Gabinete da Zona

Classificada de Angra do Heroísmo, se deve muito do esforço desenvolvido para a classificação da cidade como Património Mundial pela UNESCO, em 1983, na sequência do terrível sismo que em Janeiro de 1980 destruiu grande parte do histórico núcleo urbano.

No percurso através do Jardim Público, Praça Velha e Rua da Sé em direcção ao Porto das Pipas foram comentadas as fases de desenvolvimento da antiga capital administrativa e militar do arquipélago e ainda hoje sede do bispado, a sua estratégica posição como porto atlântico desde o século XV, bem como a sua estrutura e funções e a sua reconstrução e reestruturação nas últimas três décadas. À noite, sendo Sábado Santo, muitos assistiram às cerimónias da Vigília de Páscoa, na Sé Catedral, com a presença do Bispo de Angra.

O dia 12 foi o do regresso a Barcelona via Lisboa onde para ocupar as largas horas de espera pelo último avião se visitou a nova área da cidade, herdada da Expo-98. Como a hora era de almoço fez-se uma escolha entre as múltiplas ofertas de cozinha portuguesa, europeia e exótica. A maioria dos viajantes optou pela sucursal do Peter's Bar. A saudade dos Açores começava já a surtir efeito.